

EXTRACTOS DO LIVRO- BATERIA ,CORAÇÃO DA ESCOLA DE SAMBA

DEPOIMENTOS DE MESTRES DE BATERIA

Por ocorrer constantes transmigrações dos mestres para outra agremiação, a partir da contratação profissional, podemos afirmar que as Escolas estão perdendo suas características rítmicas originais, à medida que cada mestre possui uma preferência no que se refere à composição instrumental e rítmica. O que ocorre é que o mestre sempre vai imprimir na bateria na qual estiver regendo os ritmos, desenhos e convenções que executava naquela que estava sob seu comando anteriormente.

Na Beija-Flor, em que a bateria era considerada “pesada”, ao ser instituída uma comissão de mestres de bateria, em declaração à imprensa os responsáveis disseram que ocorreriam algumas alterações, como o aumento no número de paradinhas e coreografias e a diminuição no número de surdos de marcação, o aumento do número de tamborins, a padronização das batidas de naipes como caixas e repiques e a introdução da cuíca na bateria.

Eu quando mudei de uma Escola pra outra sempre respeitei o som da bateria acrescentando aquilo que eu conhecia em termos de melhoria. Tem que se adequar à casa e procurar melhorar o ritmo naquilo que você conhece. A bateria pode ser boa mas se ela pode ser ótima, vamos fazer ela ficar ótima. (mestre Paulinho, 02/06/09)

As Escolas que peguei não tinham uma linha, uma batida boa e acabei dando uma identidade para elas. Porque a bateria da Mocidade vem dando problema? Depois do mestre André, a bateria mudou de comando várias vezes e acontece que os mestres não são da Escola, cada um acaba levando a turma dele e a identidade foi se perdendo. (mestre Odilon, 02/07/09)

Depoimento de Mestre Jorjão quando foi contractado pela Viradouro

O Ciça explorava mais as caixas, porém gosto dela mais pesada na marcação. As minhas afinações são diferentes. A batida do meu surdo de primeira é mais frouxa para que mesmo distante as pessoas possam ouvir. (04/05/09)

SOBRE O ANDAMENTO DAS BATERIAS A RECLAMAÇÃO JÁ VINHA ATÉ DE CAROLA....

Como Cartola, que na década de 1970 se afastou da Mangueira por causa do andamento da bateria, dizendo que aquilo não era mais samba, e Fernando Pamplona, que já sinalizava o aceleração do samba, reclamando que estava “virando marchinha”, mestre Odilon, em 2009, no seu depoimento, partilhou da mesma opinião do compositor e do carnavalesco ao dizer:

Estou muito preocupado com o andamento do samba, acham que tem que colocar o samba pra frente pra ganhar o Carnaval, mas está perdendo a qualidade do ritmo, aquela coisa boa que se escutava. (mestre Odilon, 02/07/09)

PARADINHAS

Em 1994, com o enredo “*AbraKadabra*”, o despertar dos mágicos, a União da Ilha do Governador, com mestre Paulão, apresentou uma paradinha com coreografia, marcando o compasso com a batida das baquetas umas nas outras.

Aquilo surgiu de uma falha no nosso ensaio. Eu cortei a bateria pra ser feita uma convenção. O repique teria que fazer a chamada e não fez. Ficou aquele espaço de tempo, e no tempo certo o repique chamou de novo a bateria pra voltar ao ritmo. Aí, resolvemos criar alguma coisa naquele espaço. Então criamos a batida da baqueta. (entrevista de mestre Paulão ao site O Batuque.com)

Há mestres que se esmeram na execução das paradinhas e outros que não entendem as críticas dos julgadores em relação a esse artifício rítmico:

Sei que as minhas paradinhas são exatamente em cima da melodia do samba-enredo, tanto que as minhas convenções de tamborim são o solo da melodia. Esse aí é o segredo do mestre Paulão. Só quem faz isso é mestre Paulão: bordar a melodia do samba-enredo. (entrevista de mestre Paulão ao site O Batuque.com)

As paradinhas tem que ser dentro do compasso. Às vezes para o jurado é sobra, se você fizer algo a mais, pra ele é sobra. (mestre Marcão, 10/06/09)

E há também mestres que criticam a execução desenfreada e quase obrigatória desse efeito rítmico pelas baterias das Escolas de Samba:

A paradinha já está ficando meio saturada. Tem gente fazendo errado, toda hora. É legal fazer uma brincadeira pra torcida, mas fazer toda hora você quebra a coisa. (mestre Odilon, 02/07/09)

Tem paradinha desnecessária, tem paradinha que não tem nada a ver com o samba. E paradinhas que são gratuitas, aí sim, com certeza, atrapalham. Agora, tem paradinha que é muito bem feita e pode servir de estímulo para a Escola. Tem bateria que faz paradinha para aparecer, e aí realmente fica feio. (mestre Ricardinho, 24/04/09)

Tem diretor que faz por fazer. Eu faço em cima da letra do samba. Eu também sou antigo, mas é a Liga que exige. Não está escrito, mas é como se fosse uma exigência. A Liga quer show, senão você não ganha 10. A Mangueira perdeu um décimo porque não fez show em frente aos jurados. (entrevista de mestre Cica ao site O Batuque.com)

Mestre Ciça explicou, em seu depoimento, que a paradinha pode ainda ser um recurso para consertar desencontros rítmicos na bateria:

A paradinha, às vezes, é um recurso que você tem pra consertar a bateria, e você consegue. Quando isso acontece, vai tudo por água abaixo, aí você faz uma paradinha diferente e conserta. Já teve mestre de bateria que a bateria estava errando e o cara teve que parar a bateria e os jurados deram nota dez achando que aquilo era uma paradinha. É um recurso que o mestre tem. Essa percepção é que diferencia o mestre do diretor de bateria. Quantas vezes ensaiei paradinhas pra fazer na Avenida e não fiz e outras que não era pra fazer e tive que fazer. (mestre Ciça, 25/10/09)

De alguns anos para cá, em busca de inovações e com o propósito de chamar atenção para a bateria, as Escolas de Samba têm ensaiado seus ritmistas para executarem coreografias durante o desfile, principalmente diante das tribunes dos julgadores. O grupo abaixa, ajoelha, pula, se movimenta trocando de lugares e dança para arrancar o aplauso do público que vai ao delírio, o que acaba influenciando na avaliação dos jurados.

Coreografia tem que ter, porque quem inventou a coreografia na Sapucaí foi o mestre Paulão, que com a bateria da Ilha foi o primeiro a fazer, o primeiro a ter coragem, entendeu? Hoje há várias outras baterias fazendo, mas o primeiro foi mestre Paulão. E paradinha é habitual, é o nosso natural. (entrevista de mestre Paulão ao site O Batuque.com)

Acho que a bateria não é lugar para enfeitar. Sua função é dar prioridade à cadência, ao ritmo e à padronização. (...) A bateria deve ficar marcada pela musicalidade, pela conversa com os surdos, as caixas e não por uma ou outra coreografia. (...) Sou contra coreografia em minha bateria (...) o que procuro fazer é manter e também resgatar a tradição das baterias da Escola. (mestre Marcone, Revista Samba e Carnaval, 2006)

Mestre Ciça considera que os julgadores já se cansaram das paradinhas para avaliar como um diferencial da bateria já que, para ele, as baterias estão fazendo o mesmo desenho rítmico nesse recurso:

O desenho da bateria é tudo igual nas paradinhas, parece que os mestres combinaram, mas não combinaram, e a maioria faz a mesma coisa. Esse ano a maioria das baterias, até do Acesso fizeram paradinha de terceira e os jurados já estão cansados disso. (mestre Ciça, 25/10/09)

CARACTERISTICAS DE BATIDAS DE BATERIA

Na Mocidade e na Mangueira, a batida da caixa é diferente, assim como as funções dos surdos de primeira e de segunda. E o surdo de terceira da Mocidade tem tema livre, não é desenhado como nas outras. Já o nosso chocalho (da Mocidade) é o único que consegue fazer a 'cascavel': ele chocalha antes do ritmo para voltar. (mestre Jonas)

SOBRE OS RECUOS (NAS BOXES)DA BATERIA NA SAPUCAI.

Prefiro entrar no recuo de frente, de uma vez só. De frente você ganha tempo, porque se você for lá na frente e voltar perde aí uns três minutos e se entrar de frente é um minuto, um minuto e vinte no máximo. Ao entrar com ela toda no recuo é só arrumar os instrumentos, por isso eu faço um quadrado. A Escola ganha tempo e nós também. (mestre Marcão, Salgueiro, 10/06/09)

Eu prefiro entrar com a bateria de frente, direto. Se você for com a bateria na frente e ela for muito grande, você corre o risco de atravessar porque o naipe de tamborim é muito agudo e ele praticamente é o primeiro da fila e a caixa de som depois do box às vezes chega com um pouquinho de retardo. Eles podem

estar tocando uma coisa e ali outra. E eu tenho medo disso. Já fiz essa pesquisa há vários anos, aí eu resolvi entrar de frente com a bateria porque você mantém a bateria mais perto do carro de som, tem essa vantagem, e facilita a harmonia, não tem aquele negócio de parar a Escola. (mestre Cica, ex-Viradouro e atual Grande Rio, 25/06/09)

Eu gosto de ir lá na frente e voltar de marcha a ré porque você não perde a montagem que você faz da bateria. Eu faço um mapa com cada um no seu lugar. Lá na quadra quando vão pegar a fantasia tem um mapa grandão tipo a Avenida com a posição de cada um. Então se quiserem aquela que vai lá dentro e voltar eu estou fora, de fuzileiro naval. Não acredito que eles estejam fazendo isso para ganhar tempo não. Então diminui o contingente, falam que vai sair com 3.000 e saem com 4.500 componentes. Eles atrapalham nosso serviço. (mestre Odilon, ex-Grande Rio, 02/07/09)

Eu gosto de entrar com a bateria de ré no recuo, ir até a frente e voltar. Prefiro assim porque você não perde a harmonia do som, você não perde. Quando você entra de frente, direto, como a maioria das Escolas fez esse ano, você tem que manobrar os naipes agudos, que é o tamborim, chocalho e a cuica. Tem que manobrar esses naipes dentro da bateria e se demora de dois a três minutos para botar no mesmo andamento no lugar e se você for com ela de frente, manobrando e entrando de ré não, continua no mesmo andamento. Do outro jeito atrapalha um pouco porque você tem que fazer aquela manobra e o que estava na frente, tem que ir com eles lá atrás e depois voltar e acontece aquele desencontro de ritmo. Mas hoje, por causa do tamanho da Escola, você tem que colaborar com a Escola. (mestre Casagrande, Unidos da Tijuca, 25/06/09)

No primeiro recuo vou até a frente e retorno com ela e no segundo eu entro de frente. Ganho tempo, porque se for até a frente e voltar e ocorrer algum problema, aí vem a correria se a outra ala seguir direto sem esperar a manobra da bateria. (mestre Paulinho, ex-Beija-Flor, 02/10/09)

Hoje em dia, as harmonias das Escolas têm preferido que as baterias entrem de frente nos recuos e se locomovam lá dentro para posicionar os instrumentos. Eu gosto mais do método tradicional que é aquele de ir e voltar. A gente passa pelo segundo recuo, vira a bateria e volta entrando no recuo. As harmonias não gostam desse tipo porque tem que parar a Escola e passar os passistas pelo lado para ocupar a pista. (mestre Ricardinho, Paraíso do Tuiuti, 25/04/09)

Prefiro que a bateria vá à frente e volte, sem mexer em nada. Vai de frente e depois entra de ré. Agora que tem esses diretores de harmonia que dizem que atrapalha, que tem que entrar de frente e aí você desmancha toda a sua bateria, a sua probabilidade de erro é bem maior, porque você vai desarrumar toda a parte de afinação, porque tem que mudar tudo de lugar. Enfim, é um transtorno. (mestre Capocira, Império da Tijuca, 25/04/09)

Prefiro passar do Box, toda a bateria vira e volta pra entrar no recuo. Mas dependendo do setor que a bateria vier na Escola, alguns diretores de harmonia preferem que você venha com a bateria e entre de frente no recuo. O que acontece é que a reorganização da bateria quando você entra de frente é muito difícil, leva tempo, a fantasia atrapalha na passagem pelo corredor. Eu prefiro passar e voltar, a bateria já entra certinho. É como se você estivesse estacionando seu carro. Você passa da vaga e volta para entrar. Eu tenho feito isso e tem dado certo. O meu último diretor na arrumação do corredor me dá um sinal, ele levanta a mão, eu paro a bateria, a gente vira e volta. (mestre Thiago Diogo, Porto da Pedra, 20/10/09)